

MÓDULO

GEOPOLÍTICAS AMAZÔNICAS E DISPUTAS DE PODER

LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS



ITINERÁRIOS AMAZÔNICOS

REALIZAÇÃO:



UMA CONCERTAÇÃO PELA
AMAZÔNIA

PARCERIA:



FICHA TÉCNICA

REALIZAÇÃO

INSTITUTO IUNGO

Presidente

PAULO EMÍLIO DE CASTRO ANDRADE

Diretora de educação

ALCIELLE DOS SANTOS

Diretora de estratégia e implementação

JOANA RENNÓ

INSTITUTO REÚNA

Diretora-Executiva

KÁTIA STOCCO SMOLE

UMA CONCERTAÇÃO PELA AMAZÔNIA

Secretaria Executiva

FERNANDA RENNÓ

LÍVIA PAGOTTO

PARCERIA

BNDES

INSTITUTO ARAPYÁÚ

MOVIMENTO BEM MAIOR

PROGRAMA ITINERÁRIOS AMAZÔNICOS

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO

Idealização

FERNANDA RENNÓ (Uma Concertação pela Amazônia)

JOANA RENNÓ (Instituto iungo)

PAULO EMÍLIO DE CASTRO ANDRADE (Instituto iungo)

Coordenação geral

SAMUEL ANDRADE

Equipe pedagógica

CARLOS GOMES DE CASTRO

CAROLINA MIRANDA

CYNTHIA SANCHES (Coordenadora)

REGINA TUNES (Coordenadora)

Coordenação de produção

THAMARA STRELEC

Coordenação Instituto Reúna

DANIEL CORDEIRO

Apoio à coordenação

CAMILLY LIMA

STEFANNY LOPES

VANESSA COSTA TRINDADE

CONCEPÇÃO DO PROGRAMA

Equipe

ALCIELLE DOS SANTOS

ANTONIO CARLOS OSCAR JÚNIOR

CARLOS GOMES DE CASTRO

CAROLINA MIRANDA

CLÉA FERREIRA

CYNTHIA SANCHES

FABIANA CABRAL SILVA

FERNANDA RENNÓ

GRAZIELA SANTOS

IZADORA RIBEIRO PERKORKI

JEFFERSON SODRÉ MENESES

JOANA RENNÓ

JULIANA FRIZZONI CANDIAN

KÁTIA STOCCO SMOLE

LÉA CAMARGO

MARISA BALTHASAR

MICHELE BORGES

PAULO EMÍLIO DE CASTRO ANDRADE

REGINA TUNES

RENATA ALENCAR

RENATA MONACO

SAMUEL ANDRADE

THAMARA STRELEC

Gestores, técnicos e educadores de redes de ensino

ALDEVÂNIA BARRETO DE MATOS - SEED RORAIMA

ALISSON THIAGO PEREIRA - SEDUC AMAZONAS

ANTONIO FONSECA DA CUNHA - SEDUC PARÁ

CARMEM LÚCIA SOUZA - SEDUC AMAZONAS

CLEIBERTON SOUZA - SEED AMAPÁ

DARLETE SOUZA DO NASCIMENTO - SEED RORAIMA

EDILMA DA SILVA RIBEIRO - SEED RORAIMA

STELLA DAMAS - SEED RORAIMA

IRENE PEREIRA - SEED RORAIMA

LUCIA REGINA ANDRADE - SEDUC AMAZONAS

MELINA TONINI - SEDUC RONDÔNIA

MONALISA SANTOS SILVA - SEDUC MARANHÃO

REGINA PEREIRA - SEDUC MARANHÃO

RICARDO SANTA CRUZ - SEED RORAIMA

SALOMÃO SOUZA ALENCAR - SEDUC AMAZONAS

SIMONE BATISTA - SEED RORAIMA

Jovens amazônicos

BRUNA LIMA - RIO BRANCO | ACRE

INGRID MARIA AVIZ DE ARAÚJO - ANANINDEUA | PARÁ

KARINA PENHA - SÃO JOSÉ DE RIBAMAR | MARANHÃO

ODENILZE RAMOS - CARÃO, BAIXO RIO NEGRO | AMAZONAS

OREME IKPENG - XINGU | MATO GROSSO

PEDRO ALACE - AGROVILA ITAQUI, CASTANHAL | PARÁ

Especialistas em educação

ANA LUÍSA GONÇALVES

FERNANDA SAEME

NÁDIA CARDOSO

PAULO CUNHA

THIAGO HENRIQUE

Mobilização de jovens

RICARDO PENIDO

Mapeamento de tecnologias educacionais

PORVIR

Convidados do seminário de**aprofundamento temático**

DILSON GOMES NASCIMENTO - SEDUC AMAZONAS

MAICKSON SERRÃO - SEDUC AMAZONAS

TATIANA SCHOR

COMUNICAÇÃO E DESIGN

Coordenadora de Comunicação

ANGELA MARIS DO NASCIMENTO

Produção de conteúdo - Comunicação

ANA CATARINA PARISI PINHEIRO
CAMILA SARAIVA GONÇALVES

Identidade visual e projeto gráfico

CLÁUDIO VALENTIN
DENIS LEROY
RENAN DA SILVA ARAÚJO

Assessoria para arquitetura da informação

PORVIR

Plataforma digital

PORVIR (Produção executiva)
SINTRÓPIKA (Design e desenvolvimento)

PRODUÇÃO DE CONTEÚDO

Coordenação

ELIANE AGUIAR

Concepção e redação

ABEL XAVIER
EDUARDO FRANCINI
JULIANA LEÃO
KÁTIA CHIARADIA
MARIANO MEDEIROS

Leitura crítica

ANDRESSA ALMEIDA DE SOUZA LIMEIRA - SEE ACRE
GENILZA SILVA CUNHA - SEED RORAIMA
HELENA SCHMID
LAURO LUIZ PEREIRA SILVA - SEDUC MATO GROSSO
MARISA BALTHASAR
RAUCIELE DA SILVA CAZUZA - SEDUC AMAZONAS

Edição pedagógica

HELENA SCHMID

Apoio à concepção - Jovens amazônicos

ARTHUR MELLO MODA SANTOS
SAMIA LETÍCIA NASCIMENTO GONÇALVES

Apoio à concepção - Técnicos e educadores de redes de ensino

ANDREA DE LIMA SIQUEIRA - SEED RORAIMA
HEMELLY SILVA AREIAS - SEDUC AMAZONAS
MÁRIO LUIZ LEITE LOBATO - SEED AMAPÁ

Especialista temático

LAÉRCIO FURQUIM JUNIOR

Produção de infográfico

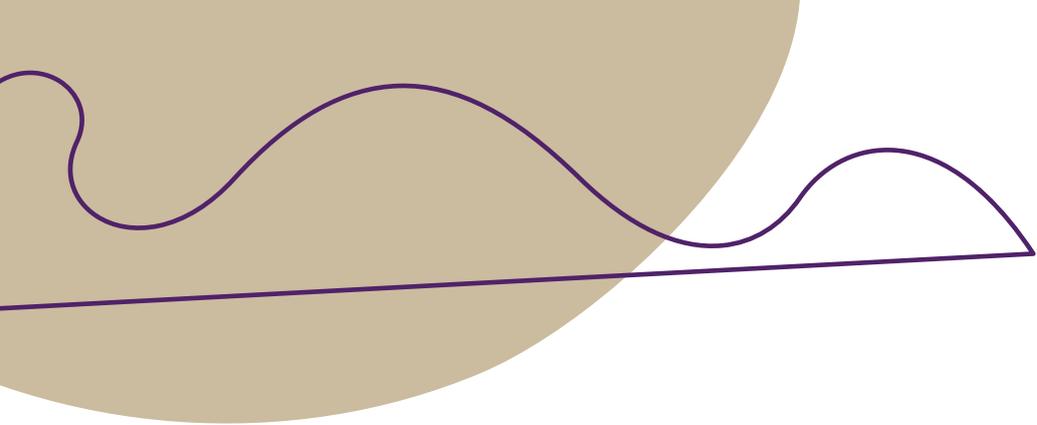
ELIANE AGUIAR

Edição de texto e revisão ortográfica

ANA ELISA FARIA DO AMARAL
DIOGO DA COSTA RUFATTO
JAQUELINE COUTO KANASHIRO
LUCAS TADEU DE OLIVEIRA
MARCIA GLENADEL GNANNI
MARIANE GENARO

Diagramação

NATÁLIA XAVIER
RENAN DA SILVA ARAÚJO
VICTOR SOARES
WELLINGTON TADEU



SUMÁRIO

Módulo - Geopolíticas amazônicas e disputas de poder

Ementa do módulo	6
Etapa 1: Arte e o ativismo	9
Etapa 2: As memórias locais marcadas nos territórios	22
Texto de apoio	32
Referências	35



Geopolíticas amazônicas e disputas de poder

EMENTA DO MÓDULO

Carga horária média sugerida

40 horas

Resumo

Este módulo está organizado em duas etapas. Com o questionamento “Que relações existem entre as manifestações artísticas e as geopolíticas amazônicas?”, os estudantes fazem apreciação de obras artístico-culturais em diferentes linguagens e participam de oficinas para analisar e usar, de forma criativa, essas linguagens, contextualizando-as às questões geopolíticas que incidem sobre os territórios. Na segunda etapa, para a construção coletiva de uma “coletânea de memórias dos territórios”, os jovens entrevistam pessoas da comunidade escolar e/ou de seu entorno sobre histórias e objetos de memória, investigando e conhecendo experiências de vida nos territórios que ajudem a compreender a complexidade das dinâmicas sociais e suas relações de poder inseridas na temática da geopolítica.

Expectativas de aprendizagem

- Fruir e apreciar manifestações artísticas e socioculturais em diferentes linguagens, nos contextos da Amazônia Legal, oriundas de movimentos sociais.
- Diagnosticar problemas relativos a conflitos, ausência de políticas públicas, desrespeito a direitos constitucionais, entre outros, e relacioná-los aos desafios de viver na Amazônia Legal.
- Realizar pesquisa de campo com o uso de entrevistas.
- Realizar pesquisa bibliográfica em coerência com o recorte temático assumido.
- Fazer curadoria de artefatos e de manifestações artístico-culturais.
- Interpretar dados de pesquisa, buscando categorias e consensos comuns.
- Apresentar informações de modo criativo, usando recursos multissemióticos e multimodais.
- Estabelecer, coletivamente, os critérios de prioridades para analisar as problemáticas identificadas nas pesquisas.
- Criar uma peça midiática e/ou artístico-cultural com foco na conscientização das sociedades sobre uma problemática ligada à geopolítica amazônica.

Este módulo integra a unidade curricular “Ativismos Amazônicos e usos criativos das linguagens” do programa Itinerários Amazônicos. Para conhecer esta e as demais unidades curriculares, acesse: www.itinerariosamazonicos.org.br.





Competências gerais da BNCC

CG 2, CG 4, CG 9 e CG 10

EIXOS ESTRUTURANTES

Investigação científica

Processos criativos

OBJETOS DE CONHECIMENTO

Geopolíticas amazônicas: identificação de problemas do território e de processos de investigação em torno deles; práticas discursivas de compreensão e recepção, circulação e de produção (individual e/ou coletiva) em diferentes linguagens; manifestações socio-culturais e processos de criação, com usos críticos e criativos de recursos de linguagens diversos, em práticas dos campos jornalístico-midiático e artístico-cultural.

HABILIDADES DA ÁREA DO CONHECIMENTO

(EM13LGG202) Analisar interesses, relações de poder e perspectivas de mundo nos discursos das diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e verbais), compreendendo criticamente o modo como circulam, constituem-se e (re)produzem significação e ideologias.

(EM13LGG204) Dialogar e produzir entendimento mútuo, nas diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais), com vistas ao interesse comum pautado em princípios e valores de equidade assentados na democracia e nos Direitos Humanos.

HABILIDADES DOS EIXOS ESTRUTURANTES

(EMIFLGG01) Investigar e analisar a organização, o funcionamento e/ou os efeitos de sentido de enunciados e discursos materializados nas diversas línguas e linguagens (imagens estáticas e em movimento; música; linguagens corporais e do movimento, entre outras), situando-os no contexto de um ou mais campos de atuação social e considerando dados e informações disponíveis em diferentes mídias.

(EMIFLGG04) Reconhecer produtos e/ou processos criativos por meio de fruição, vivências e reflexão crítica sobre obras ou eventos de diferentes práticas artísticas, culturais e/ou corporais, ampliando o repertório/domínio pessoal sobre o funcionamento e os recursos da(s) língua(s) ou da(s) linguagem(ns).

(EMIFLGG05) Selecionar e mobilizar intencionalmente, em um ou mais campos de atuação social, recursos criativos de diferentes línguas e linguagens (imagens estáticas e em movimento; música; linguagens corporais e do movimento, entre outras), para participar de projetos e/ou processos criativos.





FOCO DAS ETAPAS

Etapa 1: A arte e o ativismo

Carga horária média sugerida: 20 horas

Nas atividades desta etapa, os estudantes:

- Apreciam e fruem de manifestações artísticas em diferentes linguagens.
- Participam de oficinas artísticas para analisar e usar, de forma crítica e criativa, as linguagens artístico-culturais, de maneira contextualizada e conectada com questões acerca da temática da geopolítica.
- Produzem artefatos artísticos como sistematização das aprendizagens das oficinas.

Etapa 2: As memórias locais marcadas nos territórios

Carga horária média sugerida: 20 horas

Nas atividades desta etapa, os estudantes:

- Entrevistam pessoas da comunidade escolar e/ou de seu entorno sobre histórias e objetos de memórias que ajudem a compreender a complexidade das dinâmicas sociais e sua relação com a temática da geopolítica.
- Constroem uma “coletânea de memórias dos territórios” para compor o painel itinerante iniciado na Etapa 1.

Estratégias de ensino e aprendizagem

- Sala de aula invertida: modelo híbrido que pressupõe o primeiro contato do estudante com algum tópico por meio de uma tarefa (leitura, vídeo etc.) a ser realizada antes da aula, repertoriando-os para o aprofundamento com o professor durante a aula.
- Centros de interesse: estações fixas e/ou rotativas nas quais os jovens podem se agrupar de acordo com seus interesses, a fim de discutirem ideias e vieses diferentes de um mesmo tópico/tema ou, ainda, itens distintos de uma mesma temática.
- Aprendizagem baseada em problemas e por projetos: os estudantes identificam contratempos, engajam-se e aprendem sobre eles, e constroem (e eventualmente implementam) protótipos de soluções.
- Instrucional/expositiva: seminários, palestras de discentes e de docentes/convidados.
- Rodas de conversa (mediadas por pares/professores e livres).
- Pesquisa de campo: os estudantes observam, coletam, analisam e interpretam informações em ambientes diversos, representativos de seus entornos e/ou de locais de interesse.
- Oficinas de produções multimodais: os jovens coletam, registram e editam produções multimodais para exposição/divulgação.

Avaliação

A avaliação é um processo contínuo processual e formativo feito por meio de registros; de estabelecimento de rubricas, com base nos objetivos de aprendizagem da unidade curricular, que nortearão professores e estudantes; e de portfólio de evidências das aprendizagens individuais e coletivas. Tais evidências incluem a autoavaliação com vistas à autorregulação da aprendizagem, à reflexão e à escuta ativa para devolutivas entre pares e entre professor-aluno, além da análise de produtos e de processos (culminância).



ETAPA 1: A ARTE E O ATIVISMO

CARGA HORÁRIA MÉDIA SUGERIDA: 20H

ACONTECE NA ETAPA

- Apreciação e fruição de manifestações artísticas em diferentes linguagens.
- Oficinas criativas para análise e usos críticos e criativos das linguagens artístico-culturais de forma contextualizada e conectada com questões acerca da temática da geopolítica.
- Produções artísticas como sistematização das aprendizagens das oficinas.

SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1



CARGA HORÁRIA MÉDIA SUGERIDA: 20 horas

Esta situação de aprendizagem sensibiliza e convida os estudantes a perceber que manifestações artístico-literárias podem ser potentes instrumentos ativistas ao projetarem no universo simbólico as situações geopolíticas que incidem na Amazônia Legal. Inicialmente, os jovens apreciam e analisam manifestações artístico-literárias para, em um segundo momento, participarem de oficinas que proporcionem a experiência criativa do uso dessas linguagens, exercitando, na prática, como se posicionar perante aspectos da geopolítica, fazendo uso intencional, crítico e criativo de recursos dessas linguagens. Os estudantes estarão imersos em análises de obras e em oficinas artísticas, com o intuito de mobilizar seus conhecimentos sobre usos e controles dos territórios amazônicos, como temática transversal, na construção de um painel colaborativo itinerante, que se inicia nesta Etapa 1 e termina na Etapa 2.

Saiba mais

Para aprofundar conhecimentos acerca dos princípios da área no contexto do Ensino Médio, sugerimos que realize a Trilha de Aprendizagem do componente [Linguagens e suas Tecnologias | Programa Nosso Ensino Médio](#).¹

¹ Todos os links presentes neste material foram acessados em março de 2023.



LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

MÓDULO - GEOPOLÍTICAS AMAZÔNICAS E DISPUTAS DE PODER



PONTO DE PARTIDA

1. Inicie o módulo apresentando as expectativas de aprendizagem a fim de que os estudantes tenham a perspectiva do que se espera que aprendam e, assim, possam começar a trilhar um percurso de construção do conhecimento pautado na autorregulação da aprendizagem. O infográfico do módulo pode apoiar esse momento de mediação. Com o avançar da proposta, aspectos das geopolíticas na Amazônia serão compreendidos como contextos de produção discursiva, no qual os estudantes serão mobilizados a vivenciar diferentes práticas de linguagens, perpassando produções artístico-culturais que discutam aspectos dessa mesma temática.

Saiba mais

A temática geopolíticas na Amazônia busca situar as práticas de linguagens deste módulo em usos sociais que incidem nos contextos amazônicos. Acompanhe o trecho a seguir:

Transita por problemáticas e discussões que compreendem a Amazônia como território central de relações entre atores locais, nacionais e globais. Assim, de um lado, localiza a Amazônia em seu contexto regional, identificando suas especificidades políticas, econômicas, históricas, geográficas e demográficas. De outro, considera suas interações com cenários contemporâneos mais amplos, analisando conflitos e disputas sociais, econômicas e políticas que envolvem e impactam a região, o Brasil e o mundo. (Temário iungo. Produção interna.)

Leia mais sobre a temática em: [Geopolítica da Amazônia | Bertha K. Becker | Artigo | Scielo.](#)

2. Propomos, aqui, a apreciação de dois objetos artísticos criados para entendermos como a arte também pode ser potente em sua perspectiva crítica e de denúncia social. O primeiro objeto é o videoclipe musical [Xondaro Ka'aguy Reguá | YouTube](#), do jovem indígena Owerá, que aborda assuntos como demarcação de terras, violência contra indígenas, diversidade cultural e plurilinguismo. O segundo é uma obra artística inspirada no fenômeno da pororoca, que ocorre na foz do Rio Amazonas. A obra coreográfica [Pororoca | Revista Bravo | YouTube](#), de Lia Rodrigues Companhia de Dança, apresenta a força das correntes contrárias, suscitando sentidos acerca do arrastão, da mistura, do choque e da invasão.

Para a apreciação do videoclipe, sugerimos uma análise descritiva e questionadora, levantando tanto questões estéticas quanto simbólicas, a fim de que os estudantes possam estabelecer relações de sentidos e se posicionar. Após a apresentação do clipe, reúna os jovens em uma roda de conversa para ouvir suas opiniões e seus entendimentos sobre a obra. Caso precise intervir para fomentar a discussão, sugerimos algumas perguntas:



LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

MÓDULO - GEOPOLÍTICAS AMAZÔNICAS E DISPUTAS DE PODER

- Sobre o que a obra fala e o que motivou o artista a escrever essa letra?
- Como os aspectos visuais do clipe contribuem para reforçar as ideias contidas na letra? Como a escolha de imagens, enquadramentos usados nelas e seu ritmo se relacionam à letra? Que ideias, sentimentos e sensações essa combinação provocou em vocês?
- Quem é o público para o qual o artista compôs o trabalho?
- O que há de biográfico no clipe? Isto é, o quê, da vida pessoal do artista, está sendo retratado?

3. Os estudantes também devem refletir sobre cenários, figurinos e efeitos visuais, entre outros aspectos do clipe. Fomente o registro dos jovens, no caderno, sobre os tópicos que surgem na roda de conversa. Para encerrar, propomos que você faça a leitura dos comentários fictícios a seguir, criados como possibilidades de percepções geradas pelo vídeo:

Comentário 1: “Nossa, sinto até culpa por nunca ter escutado uma voz indígena, por nunca ter ido atrás para conhecer novas vozes que pudessem me trazer reflexões urgentes como essa! Estou profundamente tocada por essa obra! Parabéns e obrigada por compartilhar seu trabalho!”.

Comentário 2: “Me sinto representada aqui! Como ameríndia, fico muito feliz que um trabalho tão bonito esteja chegando a tantos lugares e públicos. Seguimos na luta, unindo nossas forças! Pela demarcação das terras dos nossos povos originários já!”.

Após a leitura, peça para que os estudantes formem duplas e respondam por escrito, no caderno, às questões a seguir:

- O que leva a autora do Comentário 1 a se sentir culpada?
- Na opinião da dupla, quais são as “reflexões urgentes” mencionadas pela autora do Comentário 1?
- A autora do Comentário 2 inicia sua postagem com uma apresentação de si mesma. Qual o efeito disso para o comentário?
- Na opinião da dupla, por que a autora do Comentário 2 alterna o uso entre singular e plural, ao longo da mensagem? Por exemplo: “[Eu] fico muito feliz”, “[Nós] seguimos na luta!”.

Você pode optar por pedir para que as duplas que desejarem e se sentirem confortáveis compartilhem suas respostas com todos ou propor a formação de novas duplas, com pareamento diferente de estudantes, para que um possa compartilhar com o outro suas ideias. É importante, novamente, o registro feito pelos estudantes. Como tarefa individual final, sugerimos que, do mesmo modo como a autora do Comentário 2 se apresentou, os estudantes possam fazer um relato breve sobre como se percebem étnica e/ou socialmente – sem preocupação com a formalidade dos termos, mas fiéis às suas percepções. A fim de que tenham tempo de refletir, essa atividade pode ser encaminhada para o próximo encontro. Nesse caso, antes da continuidade das atividades propostas a seguir, a ideia é que eles possam apresentar relatos da forma como se percebem, com um bate-papo breve, comparando o que cada um disse sobre si mesmo.



LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

MÓDULO - GEOPOLÍTICAS AMAZÔNICAS E DISPUTAS DE PODER

4. Para a apreciação da obra coreográfica *Pororoca*, sugerimos a mesma linha de análise do videoclipe, relacionando os aspectos específicos da arte, neste caso uma obra coreográfica, à temática proposta nesta unidade curricular e aos efeitos de sentido que surjam com base nessa relação. Levante os pontos a seguir com os estudantes e traga para a discussão outras questões que achar relevantes:

- Quem está dançando? Quais corpos estão dançando?
- Quais as características do movimento performado pelos bailarinos? Forte/fraco, pesado/leve, rápido/lento, reto/curvo, diretivo/desviante, recuado/penetrante?
- O que é o fenômeno da pororoca? Como a coreografia dialoga com esse fenômeno? Quais características você percebe em comum entre a coreografia e a pororoca?
- Como você percebe a relação entre o material (coreografia) e os temas: disputa por espaço, poder, enfrentamento, convivência etc.?

O objetivo é que os estudantes percebam que a dança coreografada pelos bailarinos reproduz, artisticamente, um fenômeno natural (pororoca) que acontece quando as águas correntes de um rio se encontram com as águas do mar. O forte choque causado nesse encontro gera ondas gigantescas, as quais, por sua vez, derrubam tudo o que estiver no caminho, modificando os leitos do rio.

Nesse sentido, por meio dessa expressão artística, o espetáculo coloca em questão, de forma metafórica, aspectos da geopolítica: o encontro entre corpos (água do rio e água do mar) e a disputa por um mesmo espaço, e toda a energia e a tensão geradas com base nesse embate, que gera a transformação dos leitos do rio. Portanto, o fenômeno da pororoca permite que a temática da geopolítica e as problemáticas advindas dela possam ser inseridas nessa análise proposta aos estudantes.

5. Como fechamento do Ponto de partida, sugerimos que você antecipe aos estudantes que a produção final deste módulo envolve a construção de um painel colaborativo itinerante com registros de todas as aprendizagens vivenciadas por eles em cada atividade das Etapas 1 e 2. Nesse sentido, é importante dizer que a construção do painel já se inicia com os registros de suas impressões e/ou de relatos do que os jovens sentiram e vivenciaram, com base em obras e em artistas que apreciaram e analisaram até aqui. Para iniciar esse processo criativo transversal, os estudantes deverão desenvolver produções para compor o painel que retratem aspectos da obra artística e também o artista na intenção de conectar questões biográficas e processos de criação.

Essas produções podem ser: destaques visuais que os estudantes queiram fazer a respeito de obras, fotos dos artistas e pequenos trechos autorais sobre seus trabalhos; desenhos dos artistas e algumas citações que revelem aspectos de seus processos de criação, suas buscas; painel de gestos; entre outras possibilidades.

Importante: a construção do painel físico está prevista para acontecer no fim da Etapa 2 deste módulo. Contudo, as produções que deverão compô-lo serão criadas ao longo do módulo e deverão ser armazenadas, com segurança, em pastas ou em um portfólio da turma (ou, ainda, ficarem de algum modo expostas na sala de aula), para que sejam incorporadas ao painel, posteriormente.



LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

MÓDULO - GEOPOLÍTICAS AMAZÔNICAS E DISPUTAS DE PODER

Caso ache interessante, você também pode optar por trazer a construção física do painel para este momento (ver a Sistematização da Etapa 2), ajustando o tempo e o planejamento das demais atividades.

Nas próximas atividades e etapas, os estudantes terão contato com outras referências para, em seguida, serem, eles mesmos, inseridos nesse painel, falando de suas produções e dos discursos que criaram com a arte.

Eixos estruturantes em ação

A proposta das atividades iniciais permite a análise dos efeitos de sentidos mobilizados/materializados em uma obra artística, em consonância com a habilidade EMIFLGG01. Para tanto, é preciso apoiar os estudantes a situarem os contextos da obra. Assim, visite o site oficial do jovem guarani Owerá (<https://beacons.ai/owera>) e a página oficial dele, na rede social Instagram ([@owera.oficial](https://www.instagram.com/owera.oficial)), para trazer outras informações pertinentes aos contextos do artista. Durante o desenvolvimento das atividades, os estudantes também refletem sobre o funcionamento e os recursos das linguagens utilizadas mobilizando a habilidade EMIFLGG04.

De olho nas estratégias

Durante esta etapa, é fundamental que os estudantes mantenham registros adequados das informações pesquisadas. Você pode propor o uso de organizadores gráficos para que eles consigam sintetizar as ideias por meio de um esquema, por exemplo. Há diversos modelos que podem ser utilizados tanto para registros coletivos (feitos por todos do grupo em uma folha A3, em painel ou em mural comum) quanto individuais, no sentido de dar visibilidade às aprendizagens. A seguir, indicamos alguns:

- [KWL Chart | Google](#) (a sigla é do inglês *Know, Wonder – ou Want to know – , Learned*): tabela com três colunas para registro do que os estudantes sabem-querem saber-aprenderam sobre determinado assunto;
- [T Chart | Google](#): organizador de ideias em duas colunas, no formato de T (útil, sobretudo, quando há ideias contrastantes). O conteúdo está em inglês;
- [SpiderWeb | Google](#): organizador de ideias em formato de teia, para retratar pontos variados de um mesmo tópico (um modelo simples de mapa mental).



DESENVOLVIMENTO

6. Após essa sensibilização inicial, sugerimos a vivência de duas oficinas artísticas: uma de matriz visual (Oficina 1) e outra artístico-literária (Oficina 2). O objetivo é que os estudantes possam experimentar um breve processo criativo de forma contextualizada e conectada com questões acerca da temática da geopolítica. As oficinas artísticas propostas nesta etapa são parte fundamental de um percurso cujo propósito é a experimentação da arte como abordagem crítica de realidade e como possibilidade de gesto ativista.



LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

MÓDULO - GEOPOLÍTICAS AMAZÔNICAS E DISPUTAS DE PODER

A princípio, sugerimos que todos os estudantes experimentem as duas oficinas. No entanto, você pode abrir espaço para que eles escolham uma das oficinas de acordo com a predileção deles.

Oficina 1

PV Dias é um artista paraense que tem proposto uma interessante reflexão acerca do papel da arte contemporânea brasileira. Por meio da pintura, da fotografia e das artes digitais, Dias sugere dinâmicas para ressignificar a arte, a história e a mentalidade do povo brasileiro. Suas obras apresentam um conflito entre realidade e imaginário estereotipado e exótico da Amazônia. Além disso, por viver no Rio de Janeiro e no Pará, ele tem estabelecido, em suas obras, um diálogo estético entre o Norte e o Sudeste.

Indicamos, para a Oficina 1, que os estudantes apreciem uma obra desse artista, chamada [Em frente ao rio Cupijó, andando na Brás de Águiar | PV Dias | Instagram](#). Dedique também um tempo para que os jovens olhem atentamente para ela, observando sua composição; como se sentem diante dessa obra; que sentidos ela aguça; o que eles enxergam na imagem; o que reconhecem e o que lhes causa estranhamento etc.

Na sequência, após o momento de apreciação e de fruição da obra, além da contextualização do artista, sugerimos que você proponha aos estudantes que, assim como PV Dias, eles façam uso da arte como ferramenta crítica e reflexiva da realidade. Com base na imagem, provoque uma reflexão com questões motivadoras:

- Em quais aspectos a fotomontagem de PV Dias propõe um diálogo entre espaços antagônicos?
- O que você sente ao apreciar essa obra? É possível explicar como e por que ela impactou ou não você? Se sim, o que poderia contar e que razões daria?
- Quais leituras podemos fazer da obra Em frente ao rio Cupijó, andando na Brás de Águiar?
- Como a fotomontagem de PV Dias dialoga com o seu cotidiano?
- Que impacto essa obra poderia causar na comunidade em que você está?
- Como podemos fazer uso da fotomontagem para expressar nossas críticas e indignações?

Em uma roda de conversa, convide os estudantes a apresentarem suas observações e a discutirem sobre as diferentes visões e respostas que surgirem. Após a conversa, introduza a situação-problema que norteará a etapa de produção: com base em uma oficina artística de fotomontagem, os estudantes devem apresentar uma questão que envolva a temática geopolítica. Sugerimos algumas possibilidades, a saber: a oposição entre preservação e destruição; êxodo e permanência; saber ancestral e conhecimento contemporâneo; ou qualquer outra temática oriunda das rodas de conversa e de discussões das quais os jovens participaram até aqui. A sugestão é que os estudantes façam sua fotomontagem individualmente. No entanto, caso queira, você pode propor que criem essa fotomontagem em duplas.



LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

MÓDULO - GEOPOLÍTICAS AMAZÔNICAS E DISPUTAS DE PODER

Planejando a oficina

Pode ser interessante que a primeira etapa da oficina ofereça aos estudantes uma perspectiva histórica desse objeto de conhecimento, partindo, primeiramente, de uma apresentação sobre os primeiros dispositivos fotográficos e a criação da técnica no final do século 19. Além disso, pensando em ampliação de repertório, orientamos que você mostre diferentes estilos de fotografia que se constituíram ao longo do século 20, conforme as sugestões do box Saiba mais.

Saiba mais

[Um breve panorama da história da fotografia | Tá bem, Tamara! | YouTube.](#)

Pode-se apresentar aos estudantes o trabalho do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, evidenciando seu estilo de fotojornalismo, o trabalho com luz e sombras e a sensibilidade em retratar pessoas: [Sebastião Salgado | Instagram.](#)

Você também pode mostrar aos estudantes outras produções artísticas de PV Dias a fim de que eles percebam a composição da fotomontagem e o diálogo ou a oposição entre as diferentes imagens que compõem a obra desse artista: [PV Dias \(@p.v.d.i.a.s\) | Instagram.](#)

Vivendo a oficina

Antes de mais nada, tenha em mente que a oficina deve ser um espaço de experimentação. Assim, proponha que os estudantes façam testes baseados nas técnicas apresentadas, antes de começarem as produções fotográficas para seus trabalhos de fotomontagem.

Para a elaboração das fotomontagens propriamente ditas, é possível fazer uso de aplicativos gratuitos que editam, removem o fundo e fazem sobreposição de imagens diferentes, como o [Pixlr](#), o [Fotor](#) e o [InShot](#), mas é claro que a produção pode ser realizada manualmente, com recorte e colagem, com base em imagens fotográficas retiradas de revistas, por exemplo. O importante é favorecer as habilidades e a criatividade da turma, sem perder de vista que o foco da oficina está na experimentação da linguagem (e não na execução perfeita da técnica) e na relação estabelecida entre a produção em si e a argumentação que a sustenta.

É fundamental que você estabeleça com os estudantes uma situação de reflexão sobre a produção e a apreciação das obras criadas, de modo que os jovens possam compartilhar as leituras, os impactos e as impressões sobre o trabalho dos colegas e, acima de tudo, o processo criativo, a escolha de elementos e o diálogo da obra com o aspecto geopolítico.

Esse momento de troca favorece a compreensão da arte como campo e linguagem de posicionamento ativo frente às questões do mundo – inclusive as geopolíticas –, considerando que, quando a prática artística está conectada aos problemas sociopo-



líticos, às disputas de imaginário e às demandas de equidade social, ela é, invariavelmente, ativista.

Quer adaptar a proposta?

A atividade anterior pode ser adaptada para um ambiente com características e recursos mais analógicos, ainda mantendo a proposta de criação de uma obra visual autoral baseada em edições de diversas imagens. Para tanto, sugerimos que você faça uma colagem com os estudantes. A junção das páginas das colagens propostas pode resultar em um scrapbook; um caderno autoral com colagens e representações verbais e não verbais de ideias, sentimentos etc.

Produção de uma colagem:

- Apresente a proposta de produção aos estudantes, explicando que eles trabalharão individualmente na produção de uma colagem.
- Faça um levantamento prévio, para conferir os conhecimentos deles sobre o gênero e leia com eles as orientações disponíveis em: [Como fazer uma colagem | HikiHow](#).
- Verifique a disponibilidade dos materiais a serem utilizados pelos alunos e peça, antecipadamente, a todos que puderem para trazer revistas, jornais e outros materiais com imagens de modo a serem utilizadas pelo coletivo.

Oficina 2

Os autores André Miranda e Gabriel Góes publicaram, em 2021, a *graphic novel* (narrativa quadrinizada) *Mapinguari*, inspirada na lenda amazônica de mesmo nome.

Trata-se de uma história repassada, há gerações, por caboclos. Conta-se que, dentro da floresta, vive um gigante peludo com um olho na testa e uma boca no umbigo, com muitos dentes afiados: o Mapinguari. Em algumas versões, além de ser coberto de pelos, ele usa uma armadura feita do casco da tartaruga. O Mapinguari emite um grito que pode variar, a depender da versão, de um gemido forte de lamento até um grito semelhante ao dado pelos caçadores. Se alguém responder a esse grito, ele vai ao encontro dessa pessoa e a mata. Em muitas versões da lenda, pessoas, geralmente, fazem alguma coisa que fere a floresta.

Há muitas versões para essa lenda, mas duas parecem ser as que mais circulam. Em uma delas, conta-se que a criatura era um grande guerreiro, muito forte e honrado, morto em uma batalha. Graças à sua valentia, a mãe natureza o fez renascer como um guardião da floresta. Outra versão conta que, ao descobrir os segredos da imortalidade, um pajé teria se transformado na besta.

Na narrativa quadrinizada, dos autores André Miranda e Gabriel Góes, há um protagonista, o jovem José, que se vê pressionado em um impasse: o emprego que ele conseguiu na cidade, e que lhe permitirá prover alguns aparentes confortos para si e



LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

MÓDULO - GEOPOLÍTICAS AMAZÔNICAS E DISPUTAS DE PODER

para sua família, está diretamente ligado a uma grande ameaça a uma comunidade no interior do Acre, no meio da floresta amazônica; comunidade esta onde vive a família de José.

Essa escolha de enredo dos autores, além de muito atual e pertinente ao universo jovem, em especial do jovem amazônida, tem grande força ativista ao lançar ainda mais luz em um antigo problema da região: a disputa territorial e a defesa da floresta.

Pensando na dimensão desse trabalho de André Miranda e Gabriel Góes, e inspirados nele, propomos que você convide os estudantes para uma oficina artístico-literária de criação de narrativas quadro a quadro, como tirinhas, HQ (história em quadrinhos) ou *graphic novel* (novela gráfica, com número de páginas maior e com formato mais parecido com o de um livro). Para saber mais sobre essa obra, leia o Texto de apoio ao final das etapas.

- Aproveitando as discussões da seção Ponto de partida, bem como da Etapa 1, propomos a produção, em grupo, de uma adaptação integral ou parcial de uma história de tradição oral, típica da localidade dos estudantes (ou relevante para ela), para o formato de quadrinhos. Com esse intuito, eles podem manter as principais personagens e suas características, mas devem escolher uma nova apresentação ou uma nova maneira de olhar o enredo. É importante ressaltar que a escolha por qualquer um desses gêneros implicará uma menor ou maior complexidade na produção; isto é: os estudantes levarão menos tempo e farão com mais facilidade, e menos complexidade, uma tirinha do que uma HQ ou uma *graphic novel*. Nesse sentido, será necessário combinar com eles o formato, o gênero e o propósito da própria produção, considerando a história de tradição oral que escolherem adaptar. Nesse caso, será necessário considerar os diferentes critérios de avaliação para cada gênero, sugeridos no boxe Avaliação em processo.
- Instrua os estudantes a serem cuidadosos na escolha das cores, das falas, da caracterização das personagens envolvidas e, evidentemente, quanto às alterações decorrentes da adaptação. Sugira que a passagem de tempo seja trabalhada exclusivamente no campo visual como forma de fazer com que eles percebam a relevância do recurso visual. Os quadrinhos podem ser produzidos no papel ou digitalmente.
- Construa com os estudantes um quadro com critérios importantes para a produção de HQs ou de *graphic novel*, considerando elementos que envolvem diferentes linguagens e distintos recursos gráficos de imagem, como cores, sombras e tipos de balões (para falas, pensamentos, sentimentos etc.), entre outros. No que diz respeito à sequência narrativa, por exemplo, também é preciso considerar a construção de personagens, enredo, lugar, tempo e desfecho, além da própria sequência das imagens, responsável por organizar as cenas. Esses critérios serão utilizados, posteriormente, para a avaliação da produção dos estudantes, como sugerimos no boxe Avaliação em processo.

Para conhecer um pouco do processo de elaboração de uma HQ, acesse: [Como criar uma história em quadrinhos | Diogo Camargo | YouTube](#).



LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

MÓDULO - GEOPOLÍTICAS AMAZÔNICAS E DISPUTAS DE PODER

De olho nas estratégias

Caso haja recursos digitais disponíveis, a história em quadrinhos poderá ser criada em plataformas digitais. Veja uma sugestão de sites e de aplicativos a seguir. Também é possível produzir uma HQ física, seja imprimindo um trabalho digital, seja produzindo-a diretamente no papel. Se fizer sentido para a turma, também é possível criar uma HQ ou uma graphic novel que faça uso da técnica usada na Oficina 1, em uma grande oportunidade de experimentação com a linguagem.

[12 Ferramentas para criar histórias em quadrinhos com os alunos! Porvir.](#)
[O que é um Graphic Novel? Entenda e veja alguns exemplos| Livro bingo.](#)
[O que é um Graphic Novel. Bingo| Conteúdos Literários YouTube.](#)

Assim como na Oficina 1, é importante estabelecer uma situação de compartilhamento entre os estudantes para trocarem como fruíram, analisaram, impactaram-se com os trabalhos dos colegas, bem como embasaram o processo de elaboração da HQ e da graphic novel, destacando os recursos da linguagem e as relações com o(s) aspecto(s) geopolítico(s).

Avaliação em processo

Se você e os estudantes desejarem avaliar os resultados dessa oficina com mais precisão quanto aos elementos que compõem a HQ, sugerimos algumas rubricas para apoiar o processo. Dadas as características da proposta e dos gêneros quadro a quadro, é possível, para a Oficina 2, delimitarmos expectativas mais precisas para produção, diferentemente do que ocorre na Oficina 1, que conta intencionalmente com um processo muito mais subjetivo de expressão. Nesse caso, a avaliação pode acontecer por meio de uma conversa em grupo, na qual os estudantes retomam todo o processo e refletem sobre tudo o que fizeram e aprenderam, tanto acerca da própria temática do módulo quanto dos aspectos próprios das práticas de linguagem.

Lembre-se de que, se vocês optarem pela avaliação com rubricas, é importante ressaltar com os estudantes esse quadro antes de iniciarem a elaboração do trabalho. Veja um exemplo, baseado em modelos do Sincroniza Educação (2021).



LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

MÓDULO - GEOPOLÍTICAS AMAZÔNICAS E DISPUTAS DE PODER

QUADRO 1

Avaliando a elaboração e a apresentação de uma adaptação para HQ ou *graphic novel* em grupo

	4	3	2	1
Uso das características do gênero HQ na apresentação do trabalho	O grupo demonstrou conhecer as características do gênero, aplicando-as, corretamente, na situação proposta na Oficina 2 (produção de uma HQ ou de uma <i>graphic novel</i>).	O grupo demonstrou conhecer as características do gênero, ainda que as tenha aplicado corretamente na situação proposta na Oficina 2, mas em uma produção mais simples (produção de apenas uma tirinha).	O grupo enunciou corretamente as características do gênero, mas não soube aplicá-las (tanto no caso da tirinha quanto da HQ ou da <i>graphic novel</i>).	O grupo não soube enunciar nem aplicar corretamente as características do gênero.
Originalidade e inovação	A HQ e/ou a ideia por trás da adaptação se mostrou (aram) original(is), com uma proposta viável e criativa.	A HQ e/ou a ideia por trás da adaptação é(são) uma reutilização de algo já existente e é uma proposta viável.	A HQ e/ou a ideia por trás da adaptação é(são) uma cópia de algo já existente, mas sua aplicação para este fim é viável e criativa.	A HQ e/ou a ideia por trás da adaptação é(são) uma cópia de algo já existente desenvolvido para a mesma finalidade.
Qualidade da apresentação da adaptação em HQ	O grupo foi claro e didático na expressão de sua produção, utilizando diferentes recursos de imagem, como cores, sombras e outros efeitos, que contribuíram para a melhor recepção pelo público.	O grupo foi claro e didático na expressão do que produziu, mas não recorreu a diferentes recursos de imagem.	Ainda que o grupo tenha recorrido a diferentes recursos de imagem, como cores, sombras e outros efeitos, sua apresentação não foi clara e a compreensão do produto ficou comprometida.	O grupo não conseguiu comunicar a ideia em seu produto. A falta de planejamento das falas na apresentação do trabalho impossibilitou a compreensão da audiência.



LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

MÓDULO - GEOPOLÍTICAS AMAZÔNICAS E DISPUTAS DE PODER

Relacionamento interpessoal dos integrantes do grupo	O grupo trabalhou de forma coesa, organizada e inclusiva. Todos se envolveram igualmente e souberam lidar com qualidade, apesar dos conflitos que surgiram.	O grupo trabalhou de forma coesa e inclusiva, dividindo tarefas e responsabilidades. No entanto, algumas pessoas tiveram de assumir mais tarefas, sobrecarregando alguns integrantes.	O grupo trabalhou de forma organizada. No entanto, centralizou as decisões em poucos integrantes, caracterizando uma liderança autoritária.	O grupo não soube organizar tarefas ou lidar com os conflitos internos. Além disso, seus integrantes trabalharam de forma individual, sem trocas, diálogos e/ou decisões compartilhadas.
Respeito aos prazos	O grupo cumpriu com todos os prazos.	O grupo apresentou o projeto na data combinada, mas algumas poucas entregas parciais foram realizadas fora do prazo combinado.	O grupo apresentou o projeto na data combinada, mas quase todas as entregas parciais foram realizadas fora do prazo combinado. ou O grupo não estava pronto para realizar a apresentação no dia combinado, ainda que muitas entregas parciais tenham sido realizadas no prazo correto.	O grupo não estava pronto para a apresentação na data combinada e a maior parte das entregas parciais foram realizadas fora do prazo.

Fonte: Elaborado pelos autores.



SISTEMATIZAÇÃO

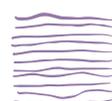
7. Reúna os estudantes e retome com eles as questões iniciais sobre a arte e a construção dos discursos vistos até então. Proponha esse momento de discussão para sistematizar as aprendizagens da etapa – impressões das obras apreciadas pelos jovens, o que produziram e também as produções dos colegas. O agenciamento ativista individual floresce com base na consciência e no posicionamento perante as causas que mais os(as) impactam. Nesse sentido, propomos as seguintes questões norteadoras:



LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

MÓDULO - GEOPOLÍTICAS AMAZÔNICAS E DISPUTAS DE PODER

- O que mais tocou a cada um(a) ao longo da Etapa 1?
 - Como as escolhas feitas para a montagem do painel (a ser concluído na Etapa 2) favorecem/representam (ou não) o seu posicionamento individual frente aos assuntos?
 - Por que os objetos artístico-literários são potentes para a construção de movimentos ativistas?
 - Como os processos criativos envolvendo as construções artístico-literárias permitem ao sujeito construir-se como sujeito e cidadão de um lugar, de uma sociedade?
 - Em que medida a(s) Amazônia(s) que você conhece foi/foram representada(s) ao longo desta etapa?
8. Reforce a necessidade de os estudantes manterem registros em seus cadernos sobre os pontos aqui levantados e sobre as demais reflexões que retratem seus percursos. Não há, necessariamente, uma resposta correta para o que foi perguntado; são provocações no sentido de deixá-los mais conscientes acerca do exercício da cidadania e do impacto das ações individuais em um mundo interconectado.



ETAPA 2: AS MEMÓRIAS LOCAIS MARCADAS NOS TERRITÓRIOS

CARGA HORÁRIA MÉDIA SUGERIDA: 20H

ACONTECE NA ETAPA

- Entrevista de pessoas da comunidade escolar e/ou de seu entorno sobre histórias e objetos de memórias que ajudem a compreender a complexidade das dinâmicas sociais e sua relação com a temática da geopolítica.
- Criação de uma Coletânea de Memórias dos Territórios para compor o painel itinerante iniciado na Etapa 1.



SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1

CARGA HORÁRIA MÉDIA SUGERIDA: 20 horas

Nesta etapa, sensibilizados para o ato de ouvir, os jovens conhecem melhor o lugar que habitam com base em entrevistas com pessoas da comunidade. Eles também colherão objetos de memórias para, partindo deles, compreender e construir uma narrativa sobre as complexas dinâmicas dos territórios que envolvam a temática da geopolítica. A junção dessas escutas e dos objetos terá como produto coletivo uma Coletânea de Memórias dos Territórios, que, no encerramento desta etapa e do módulo, ao lado de outros trabalhos e de outras produções realizadas pelos estudantes, comporá um painel ativista itinerante, o qual poderá circular, posteriormente, por toda a comunidade.



PONTO DE PARTIDA

1. No decorrer da Etapa 1, com a aproximação de alguns temas geopolíticos por meio de linguagens artístico-literárias, os estudantes puderam, nas oficinas, experienciar, em um viés mais individualizado, como é expressar, com essas linguagens, seus posicionamentos quanto a diferentes questões da geopolítica. Inicie esta etapa retomando a problemática, porém ampliando a noção do conceito de território na geopolítica, relacionando-o às memórias dos territórios - que abarcam, além de disputas territoriais, relações de afetos, construção de identidades e de pertencimento, entre outros aspectos.



LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

MÓDULO - GEOPOLÍTICAS AMAZÔNICAS E DISPUTAS DE PODER

Para esse início de diálogo com a turma, traga e discuta a noção de território utilizada pela BNCC, apoiando a retomada de conhecimentos dos estudantes sobre o conceito:

Território é uma categoria usualmente associada a uma porção da superfície terrestre sob domínio de um grupo e suporte para nações, estados, países. É dele que provém alimento, segurança, identidade e refúgio. Engloba as noções de lugar, região, fronteira e, especialmente, os limites políticos e administrativos das cidades, estados e países, sendo, portanto, **esquemas abstratos de organização da realidade**. Associa-se a ele também a ideia de poder, jurisdição, administração e soberania, dimensões que expressam a **diversidade das relações sociais** e permitem juízos analíticos. (BNCC, [s. d.], p. 564) Grifo nosso.

2. Após essa discussão inicial acerca da relação do conceito de território e de como ele se expressa pela diversidade das dinâmicas sociais, convide os estudantes a participarem da construção coletiva de uma Coletânea de Memórias dos Territórios.

A fim de os estudantes se aproximarem do que vem a ser uma coletânea de memórias, sugerimos a exploração virtual de museus dessa natureza – que vinculam memórias pessoais às sociais – para alimentar a produção. Uma ótima referência é o [Museu da Pessoa](#), ao qual os estudantes podem fazer uma visita virtual, conhecer e explorar, buscando relatos ligados à temática em foco na atividade. Como exemplo para apreciar nesse museu, você pode apresentar o vídeo do indígena Kixti Huni Kui (João Sereno Kaxinawá) contando um pouco sobre suas memórias de vida relacionadas às vivências de cantos do seu povo: [Kixti Huni Kui | Gean Carlos Almeida dos Santos | YouTube](#).

Quer adaptar a proposta?

Na impossibilidade de uma navegação digital, uma alternativa é convidar lideranças da comunidade para compartilhar histórias e memórias e, na sequência, realizar uma roda de conversa com a turma. Para essa roda de conversa, é importante que os estudantes criem perguntas pautadas (em roteiro preorganizado por você e pela turma) para fazer intervenções que os ajudem a compreender como as memórias trazem as marcas das dinâmicas sociais e, especificamente, ligadas à história da constituição do território, seus grupos, interesses e também conflitos.



DESENVOLVIMENTO

3. Inicie este momento destacando que a proposta tem o princípio de construção coletiva, compartilhando saberes e negociando sentidos, com base no engajamento com as práticas de linguagens e seus usos críticos e criativos. Compartilhe com os estudantes a intenção de organizar uma Coletânea de Memórias dos Territórios.

A criação de uma Coletânea de Memórias dos Territórios, nesta situação de aprendizagem, busca oportunizar a pesquisa de campo; a valorização dos mais velhos pelo resgate de suas memórias; e o estreitamento de laços entre os estudantes e entre eles



LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

MÓDULO - GEOPOLÍTICAS AMAZÔNICAS E DISPUTAS DE PODER

e seu entorno. Também tem, mesmo que inicialmente, uma função social e ativista, de registrar para preservar, e, possivelmente, disseminar as histórias de vida das populações amazônicas e suas relações com seus territórios.

4. Como ponto de partida, nossa sugestão é que você organize os estudantes em duplas, para que possam desenvolver a proposta: identificar, na comunidade escolar e/ou em seu entorno, pessoas com histórias e objetos de memória que ajudem a compreender: as dinâmicas sociais do território em determinado momento histórico; quais grupos foram presentes nesse momento; quais suas respectivas demandas; e os desdobramentos de possíveis conflitos, sejam eles de natureza de demarcação do território geográfico em si, seja de natureza mais subjetiva, como questões de disputas de poder por aspectos linguísticos, sociais e culturais.

Para isso, os estudantes deverão selecionar algumas pessoas para serem entrevistadas por eles. Com o objetivo de apoiar o trabalho de desenvolvimento do roteiro, apresente uma proposta, a exemplo da seguinte, como base para discussão e elaboração.

QUADRO 2

Sugestão de roteiro de entrevista	
Nome social e nome de tradição indígena (quando houver)	
Idade	
De onde você é? O que aconteceu de mais marcante com você e/ou com a comunidade de seu território, durante o percurso da sua vida?	
Quais memórias agora inundam sua mente sobre esse momento histórico? Quais sons, cores, sentimentos, frases e/ou palavras da sua língua materna compõem essas memórias?	



LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

MÓDULO - GEOPOLÍTICAS AMAZÔNICAS E DISPUTAS DE PODER

Quais grupos étnicos – ou outros grupos sociais – estavam presentes nesse momento memorável para você? O que eles queriam ou como interagiam?	
Caso sua memória seja de algum conflito específico, fale sobre as relações de poder que se desenrolaram nesse momento.	
Você tem algum objeto que possa trazer conexão com essa memória? Se sim, qual a história dele?	
Ele pode ser fotografado para ser exibido em uma exposição itinerante?	<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não

Fonte: Elaborado pelos autores.

5. Tendo em mãos as entrevistas e os objetos de memória, é hora de significar a experiência antes de organizar a exposição. Isso pode se dar com uma roda de conversa aberta.

Convide os estudantes a se sentarem em roda ou em meia-lua para conversarem sobre o material coletado. Pergunte-lhes se gostaram da experiência de entrevistar conterrâneos e de conhecer seu território com base nas memórias de outras pessoas. Deixe que falem livremente, pois se trata de um momento de compartilhamento de percepções, não só sobre o outro mas também sobre o espaço em que vivem. Indague-os, ainda, se, pela influência dos relatos das pessoas entrevistadas, eles mudaram suas impressões a respeito de determinado fato ou instante ou se descobriram algo novo sobre a história de sua localidade.



6. Após esse momento, é chegada a hora de compartilhar com a comunidade as aprendizagens traduzidas pela criação da Coletânea. Proponha a organização de exposições no espaço da escola, o que contribuirá também para reforçar a importância de espaços de preservação da memória, como é o caso dos museus. É possível, ainda, criar uma versão virtual da exposição.

Para melhor organização da montagem da exposição, sugerimos uma trilha organizacional:

a - Recebimento e organização dos relatos e das fotos de objetos para a exposição: o tema central da exposição será sobre as memórias produzidas nos territórios; por isso, é importante que os estudantes selecionem as fotografias dos objetos que se relacionem às questões levantadas nas entrevistas. É importante que todos tenham o entendimento da história por trás de cada objeto selecionado, incluindo como eles eram ou são utilizados ou se são apenas objetos de memórias afetivas. Lembre-se de que essas histórias devem ter sido colhidas na entrevista.

b - Registre os itens da exposição: oriente os estudantes a fazerem uma pequena ficha para cada objeto de memória, indicando nome do dono, de onde o objeto veio, como ele era usado no contexto das dinâmicas sociais, sua origem, sua descrição e um número de identificação.

c - Armazenar os objetos: é importante que, até o dia da exposição, os objetos de memória estejam armazenados em um local seguro. Os objetos precisam ser guardados embrulhados em papel delicado, em plástico-bolha ou em algum tecido que os proteja. Delegue funções, atribuindo responsabilidades para cada estudante. Isso reforça o sentimento de pertencimento entre os alunos e possibilita visualizar habilidades diferenciadas.

d - Agrupamento dos objetos de memória: estimule a turma para que desenvolva diferentes estratégias para agrupar as fotos dos objetos da exposição. Pode-se fazer agrupamentos por tema, material ou origem, entre outros.

e - Definição do espaço e forma de exibição: organize a turma, para que todos decidam sobre a montagem e a disposição das fotos. As opções de exposição devem ser decididas no coletivo, estimulando trocas e negociações entre os estudantes.

f - Identificação das peças: os visitantes precisam de informações sobre os objetos de memória fotografados. Oriente a turma, portanto, sobre a importância de incluir as etiquetas em todas as peças da exposição. Sugerimos, a seguir, uma referência.



QUADRO 3

Sugestão de etiqueta

Breve descrição do objeto fotografado	
Data	
História	
Proprietário	

Fonte: Elaborado pelos autores.

g - Planejamento da exposição: a exposição (assim como as demais culminâncias das atividades deste módulo) é parte do painel itinerante; nesse sentido, os artefatos criados irão compor o acervo do painel da maneira que os estudantes acharem que faça sentido (pode ser, por exemplo, uma exibição como anexo do painel ou uma seção interna deste - a depender das estruturas dele e das obras).

h - Formulário de avaliação: o retorno da experiência dos visitantes para o trabalho da turma é um importante recurso de valorização e de reflexão sobre o construir-se na escola na qualidade de agente protagonista. Por esse motivo, orientamos que seja elaborado um formulário de avaliação para entender como estudantes, famílias e comunidade avaliam a exposição. Organize com a turma um formulário de visitação, digital ou em papel, destacando os seguintes pontos:

- Qual a experiência com a visitação?
- O que achou dos objetos e de suas histórias?
- O que achou do trabalho dos alunos?
- Se foi (ou não) positivo ver a rela o dos objetos de memória fotografados e a histórias que permeiam os territórios.

7. A proposta da exposi o fortalece as rela es entre escola e comunidade, construindo pontes de diálogo e de valoriza o das histórias e das narrativas populares dessas memórias afetivas. Trazer a comunidade para se ver representada na escola e em outros espaços nutrir  o sentimento de pertencimento a todos. Além disso, oportunizar uma visibilidade maior do trabalho dos estudantes, com a exposi o, possibilita a cria o de uma campanha acerca das próprias questões que as produ es atravessam: as transforma es do espaço; a memória como acesso a um passado ter-



LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

MÓDULO - GEOPOLÍTICAS AMAZÔNICAS E DISPUTAS DE PODER

ritorial; a narrativa como instrumento de resgate e transformação; e a fotografia como suporte e ampliação do imaginário espacial.

Nesse sentido, é importante que, ao longo de toda a etapa, a construção do painel itinerante – e da exposição como parte desse painel maior – seja compreendida pelos estudantes como uma campanha de visibilização de seus discursos e posicionamentos críticos acerca das temáticas tratadas nas produções.

Quer adaptar a proposta?

Se for possível em sua escola, você pode propor que os estudantes criem um museu de narrativas orais: um museu de sons (áudios de narrativas). Nesse caso, a experiência do museu será sonora e pode ser desenvolvida da seguinte forma:

1. Os estudantes gravam as respostas dos entrevistados e pensam em uma forma de compartilhar esses áudios, em faixas, com os melhores momentos.
2. Depois, eles juntam todos esses áudios.
3. Com sua mediação, eles devem escolher uma sala de aula (ou espaço pequeno da escola, o mais silencioso possível) e colocar um painel na entrada dessa sala com o nome dos entrevistados e dos entrevistadores; as datas de coleta das narrativas etc. a fim de auxiliar na leitura da exposição.
4. Em seguida, eles devem pensar e organizar uma maneira de colocar os áudios selecionados para tocar (em uma caixa de som, no próprio celular, em um aparelho de áudio com reprodução de faixas etc.).
5. Os convidados do museu (estudantes de outras turmas e anos escolares; pais e funcionários da escola etc.) podem ter a experiência de entrar vendados no local, a fim de que possam focar nas narrativas ouvidas e imaginar os personagens narradores. O uso de fones de ouvido pode ajudar; nesse caso, dois ou três dispositivos de celular e três pessoas de cada vez entram na sala.
6. Uma outra alternativa pode ser a de colocar um banco no centro da sala, de forma que os convidados possam se sentar para ouvir áudios e ver as fotos dos entrevistados expostas nas paredes.



SISTEMATIZAÇÃO

8. Lembre os estudantes que, ao longo de todo este módulo, eles interagiram com artistas cujas temáticas e cujos contextos de atuação estão circunscritos às Amazônias e suas questões. Por meio da apreciação e das análises de obras selecionadas, os estudantes formaram um entendimento sobre como tais obras e demais produções artístico-literárias podem ser potentes para a construção do ativismo social, seja por seu viés denunciativo, seja mesmo pelo caráter simbólico das peças de arte que ins-



LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

MÓDULO - GEOPOLÍTICAS AMAZÔNICAS E DISPUTAS DE PODER

tigam, inspiram as pessoas. Nesse sentido, todo o percurso também foi importante para que os estudantes pudessem refletir sobre si mesmos, na qualidade de sujeitos e cidadãos de lugares amazônicos, e sobre a formação de seus próprios ativismos.

Nesse momento da organização e da sistematização de todas as produções, retomamos a proposta de construção do painel colaborativo itinerante, que deve ser realizado em duas fases, com as seguintes características.

QUADRO 4

Organograma

	FASE A	FASE B
O que deve ser feito?	Construção física da estrutura do painel.	Produção artística do painel.
Quando deve ser feito?	Pode ser feita tanto no início do módulo quanto no final, a critério do planejamento do docente e das condições de armazenamento dos artefatos na escola.	Na Sistematização da Etapa 2.
Como deve ser feito?	Com base nos recursos locais, considerando o caráter itinerante (mobilidade) do painel.	Com base nos textos produzidos nas atividades ao longo das Etapas 1 e 2 e também nas reflexões dos estudantes sobre suas trajetórias até então.

Fonte: Elaborado pelos autores.

A natureza “itinerante” do painel pressupõe uma parte do exercício do ativismo, que é mobilizador, viajante – que se desloca de um lugar a outro, de uma pessoa a outra, de uma ideia a outra. Pressupõe, ainda, que esse trânsito seja universal, isto é, que o painel possa ir aonde quer que os estudantes entendam que seja necessário – transpondo barreiras físicas, sociais e de linguagens; conversando com tudo e com todos; promovendo encontros e afetos potentes! Isso significa pensar em locais de exposição mais amplos do que os espaços da escola, por exemplo: praças, salões e prédios públicos, bibliotecas e centros comunitários, entre outros. É preciso ter a natureza itinerante em mente para fazer as escolhas de tipos possíveis de painéis, suas características e seu planejamento de construção que tem início a seguir.



Construção de um painel itinerante

Reforce com os estudantes a ideia de que o gênero painel possibilita a integração de diferentes linguagens, além da junção dos textos e das imagens com uma apresentação oral. Essa apresentação tem o objetivo de contextualizar e compor junto certo estilo ao painel. Tais características deverão ser observadas no planejamento da construção física da “estrutura painel”.

Eixos estruturantes em ação

Nesta etapa, os estudantes terão a possibilidade de elaborar um painel itinerante (campo artístico-literário) para explicitar o processo de aprendizagem do módulo, bem como divulgar as temáticas (geopolíticas), as obras e os artistas apreciados e analisados. Assim, para a realização desse processo criativo, os estudantes passarão por situações em que terão de mobilizar, intencionalmente, recursos criativos de diferentes linguagens reforçando fortemente a habilidade EMIFLGG05.

Fase A: montagem do suporte estrutural

- Com base em um modelo de painel escolhido pela turma para o trabalho, é preciso preparar uma lista de materiais possíveis de serem requisitados à coordenação da escola e/ou buscar apoio dos demais colegas professores para fazer levantamento dos materiais à disposição na instituição.
- Se possível, reserve um local na escola para que o painel e os demais materiais produzidos, ao longo deste módulo, sejam armazenados sem sofrerem ações do tempo ou de algum manejo indevido.

Fase B: elaboração do painel sobre a estrutura física

- Inicie esta fase após a montagem da estrutura física do painel.
- A proposta é construir o painel desde as primeiras obras e artistas com os quais os estudantes tiveram contato até chegarmos às produções dos próprios estudantes e seus ativismos.
- Solicite aos jovens que juntem os artefatos por atividades realizadas – pode ser com uma explicitação da linha do tempo e/ou em quaisquer outros formatos que acharem adequados (seções temáticas, partes diferentes do painel para cada obra/artista etc.) – e peça para que criem títulos, legendas e o que mais for necessário para a identificação das experiências de aprendizagem.
- Por fim, é necessário criar um texto a ser apresentado oralmente que contextualize o painel – a apresentação é parte integrante da exposição e ajuda o público a compreender a exposição. Diferentes vozes podem ser repercutidas aqui – os estudantes podem fazer um breve relato de suas experiências pessoais e cada um terá cerca de 1 a 2 minutos para apresentá-lo ao lado do painel, por exemplo.



Avaliação em processo

A elaboração do painel está pautada nas fases A e B de construção. É importante que os estudantes tenham clareza dos objetivos (montagem do suporte estrutural e elaboração do painel sobre a estrutura física, respectivamente) de cada fase de produção do painel para que possam perceber o que estão desenvolvendo e como estão realizando esse processo de elaboração, em um movimento de autorregulação importante para esta etapa. Por fim, retome com os jovens os pontos marcantes do percurso feito na etapa – o que mais chamou a atenção deles, as descobertas feitas sobre a comunidade escolar, entre outros aspectos significativos para sua realidade –, com o objetivo de avaliar se todo o percurso está coerentemente representado no painel.



TEXTO DE APOIO

ETAPA 1 - Situação de aprendizagem 1

Mapinguari: trabalhando a graphic novel na sala de aula

Mapinguari é uma adaptação de André Miranda e Gabriel Góes da lenda de matriz indígena, muito divulgada entre caboclos, também chamada “Mapinguari”. A adaptação, no formato de *graphic novel*, narra parte da vida de José, um jovem acriano que sonhava com um futuro promissor, morava e trabalhava na cidade, mas, devido à saúde tênue de seu pai, precisou se dirigir para a casa de sua família, na floresta.

A *graphic novel*, embora faça adaptações substanciais, mantém o eixo dramático central da lenda (uma criatura monstruosa e assustadora que assassina quem fere a floresta), agregando à história contada em quadros uma temática contemporânea e bastante presente na Amazônia Legal: a pressão de grandes empresas de exploração dos seringais sobre a população de coleta artesanal, em busca de suas terras. Há, na obra, uma fortíssima relação construída entre o presente e o passado, que aparece por meio de flashbacks: quem José quis ser, os caminhos que o levaram até onde está e o que ele fará a partir de agora.

O trabalho de José o colocava como antagonista à própria família e às pessoas que faziam parte do entorno de sua juventude com a comercialização das terras que o povo tratava como lar e fonte de sustento. Porém, a morte de seu pai, na trama, é um evidente ponto marcante para nortear as decisões futuras do personagem, que se distancia por completo do que fazia e passa a viver como seu pai: no mato, como um seringueiro.

Nisso, é possível perceber um embate moral, vencido quando vemos que o encontro com Mapinguari, criatura lendária que José tanto temia, funciona como uma prova de que o protagonista realmente mudou de lado.

Tendo isso em vista, ao ler a adaptação de um texto, e especificamente de uma lenda, não podemos prender-nos, exclusivamente, ao elemento fantástico, encarando a adaptação apenas como outra maneira de narrar a história. Em relação ao texto ou ao gênero original, uma adaptação ganha uma nova dimensão estética, com novas camadas interpretativas; fundamentais quando temos em mente que o que está diante de nós é uma nova obra. A respeito disso, Umberto Eco afirma que uma adaptação “[...] é uma mensagem fundamentalmente ambígua, uma pluralidade de significados que convivem num só significante” (ECO, 1976, p. 22).



LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

MÓDULO - GEOPOLÍTICAS AMAZÔNICAS E DISPUTAS DE PODER

Em *Mapinguari*, isso fica claro quando compreendemos que o ponto norteador da trama não é o tão temido monstro, mas sim o desenrolar das histórias que se entrelaçam para criar não só a de José, mas a de todo o seringal em questão. O reconto de uma lenda não precisa nem deve, necessariamente, focar em uma maneira específica de se contar a história. Da mesma forma, as HQs e as *graphic novels* não são facilitadoras de conteúdo, e sim maneiras diferentes de contar algo ao leitor.

A presença dos gêneros quadro a quadro nas escolas vem aumentando por sua vasta abrangência de público leitor e também por se tratar de um espaço de produção artística constantemente atual:

O crescimento e a aceitação cada vez maiores das *graphic novels* podem ser atribuídos à opção dos criadores por temas abrangentes e relevantes e à constante inovação em sua abordagem. (EISNER, 2012, p. 149)

Em *Mapinguari*, essa ideia da vastidão de temas que passam a ser considerados como parte dos gêneros HQ e da *graphic novel* é muito evidente. Há pouca ação na obra, a passagem de tempo não é descrita, mas demonstrada visualmente, por meio da mudança das cores, como é possível constatar na página 15 dessa obra (GÓES; MIRANDA, 2021): no primeiro quadro, no amanhecer, vemos laranja e amarelo-claro; no segundo, tons avermelhados; no terceiro, já retratando o fim da tarde, vemos púrpura e marrom; no último, à noite, predominam azul e roxo. Além disso, na mesma página, observamos uma opção dos autores que se mantém em toda a obra: os quadros de paisagem tomam toda a horizontalidade da página, marcando a vastidão do espaço.

O recurso das cores para evidenciar a passagem do tempo é muito presente nos gêneros HQ e *graphic novel*, tendo em vista que ele visa alinhar o conteúdo escrito ao visual, favorecendo a criação de uma terceira interpretação, baseada na junção desses dois elementos e sem precisar explicar essa passagem temporal. Novamente em *Mapinguari*, não há a sinalização do que é passado e do que é presente, mas é possível compreendê-lo por meio das cores e das técnicas utilizadas. Na página 64 da obra (GÓES; MIRANDA, 2021), temos um exemplo claro disso, quando a morte do pai faz com que ele associe o que está acontecendo a momentos que aparecem como se fossem flashbacks. Só sabemos que esses momentos estão no passado pelo contexto e pelo uso do preto e do branco exclusivamente nessas cenas.

Os gêneros HQ e *graphic novel* também pressupõem que seus leitores sejam capazes de compreender determinados elementos para que a narrativa funcione, além de lacunas intencionalmente colocadas e que precisam ser preenchidas para que a leitura aconteça em sua potência. Por exemplo, é preciso entender a função dos balões, de demonstrar a fala e o tipo de sentimento que o desenho desses balões conota (balão de grito, de pensamento, de fala doce, entre outros). Se o leitor não compreender isso, ele não conseguirá prosseguir com uma leitura que faça sentido.



LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

MÓDULO - GEOPOLÍTICAS AMAZÔNICAS E DISPUTAS DE PODER

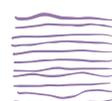
Saiba mais

Para ler um pouco mais sobre esta obra, acesse: [Mapinguari traz para o mundo dos quadrinhos a realidade dos seringueiros da Amazônia | WWF](#).

Para assistir ao *book trailer*, acesse: [Mapinguari | FTD: educação | YouTube](#).

Para conhecer um pouco mais da lenda, sugerimos o trabalho científico “Realidade, ciência e fantasia nas controvérsias sobre o Mapinguari no sudoeste amazônico”, que pode ser acessado em: [Realidade, ciência e fantasia nas controvérsias sobre o Mapinguari no sudoeste amazônico | Scielo Brasil](#).

Por fim, sugerimos um vídeo estrangeiro, o que pode dar alguma dimensão do alcance da história de Mapinguari em outros países e em outras culturas. Trata-se da produção *Mapinguari: Fearsome Beast and Protector of the Amazon*, disponível em: [Mapinguari: Fearsome Beast and Protector of the Amazon | Monstrum | YouTube](#).



REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília. DF: Ministério da Educação, [s. d.].

COMO criar uma história em quadrinhos. Produção: Diogo Camargo. [S. /], 2020. 1 vídeo (21 min 47). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3D_E0IJv9BA. Acesso em: 19 mar. 2023.

DIAS, PV. **Em frente ao rio Cupijó, andando na Brás de Águiar**. 2021. Pigmento mineral sobre papel algodão. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CLabOcypjUP/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 19 mar. 2023.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**: princípios e práticas do lendário cartunista. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

FOTOR. Disponível em: <https://www.fotor.com/pt/>. Acesso em: 19 mar. 2023.

GÓES, Gabriel; MIRANDA, André. **Mapinguari**. São Paulo: FTD, 2021.

INSHOT. Disponível em: <https://inshot.com/>. Acesso em: 19 mar. 2023.

KIXTI Huni Kui. Produção: Gean Carlos Almeida dos Santos. [S. /], 2022. 1 vídeo (3 min 17). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=j_acvG_D8xg. Acesso em: 20 mar. 2023.

MUSEU da Pessoa. Disponível em: <https://museudapessoa.org/>. Acesso em: 19 mar. 2023.

OWERÁ – Xondaro Ka’aguy Reguá. Produção: Angry. [S. /], 2020. 1 vídeo (3 min 9). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cT7ZXxAMetY>. Acesso em: 20 mar. 2023.

PIXRL. Disponível em: <https://pixlr.com/br/>. Acesso em: 19 mar. 2023.

POROROCA. Produção: Lia Rodrigues. [S. /], 2010. 1 vídeo (3 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FBT62aeN3nk>. Acesso em: 20 mar. 2023.



LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

MÓDULO - GEOPOLÍTICAS AMAZÔNICAS E DISPUTAS DE PODER

RUBRICAS de avaliação. **Sincroniza Avaliação**, jan. de 2021. Disponível em: http://jornadapedagogica.educacao.ba.gov.br/wp-content/uploads/2021/01/Infografico-Gestores_-Rubricas-de-avaliacao.pdf. Acesso em: 14 dez. 2022.





itinerariosamazonicos.org.br

